

REALIZO INTERVENÇÕES NO MEU DIA A DIA COM AS CRIANÇAS?: A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO EM UMA TURMA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rita de Cassia da Silva Lima ¹
Maria Jaqueline Paes de Carvalho ²

RESUMO

A educação infantil, como a primeira etapa da educação básica, é de grande importância para o desenvolvimento das crianças. O trabalho descreve a experiência de estágio não obrigatório em uma turma de Educação Infantil, composta por crianças de 1 a 2 anos, em uma creche da rede municipal do Recife. O relato apresenta exemplificações das práticas vivenciadas, com foco em aspectos como rotina, brincadeira, cuidar e educar, além de reflexões que foram construídas ao longo da experiência do estágio. Os procedimentos que envolveram a experiência incluíram observação da turma e intervenções durante a rotina das crianças. As discussões foram fundamentadas por autores como Pimenta e Lima (2006), Kishimoto (2010) e Monção (2016). Os resultados da pesquisa incluíram, entre outros, a compreensão do estágio como um espaço formativo e reflexivo. Embora as ações de um estagiário não sejam planejadas formalmente (pelas condições que um estagiário não obrigatório encontra na creche), elas podem ter uma intencionalidade e envolvem a sensibilidade e o exercício do olhar atento, essenciais para trabalhar com as crianças na Educação Infantil. Além disso, a reflexão de que ser professor na Educação Infantil é planejar para e com as crianças, considerando o cuidado e a brincadeira como partes indissociáveis do processo educativo.

Palavras-chave: Educação Infantil, Rotina, Estágio, Educar e cuidar.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal compartilhar a vivência do estágio não obrigatório em uma turma do Grupo I, utilizado para cumprir a carga horária prática da disciplina em Estágio Supervisionado em Educação Infantil. A educação Infantil, sendo a primeira etapa da Educação Básica, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças e, como pedagogos em formação, é essencial aproximar-se dessa realidade. Essa experiência prática, que funciona como uma ponte para a reflexão da prática em campo, constitui uma oportunidade ímpar para vivenciar de perto as situações que ocorrem diariamente nas instituições de Educação

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, rita.cslima@ufrpe.br;

² Orientadora e Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, mariajaqueline.carvalho@ufrpe.br



Durante essa vivência, surgiu a seguinte questão: “No meu dia a dia na creche, realizo intervenções com as crianças?” Assim, este trabalho reflete sobre as intervenções possíveis na creche enquanto estagiária não obrigatória e sobre a construção de uma prática docente reflexiva. Além disso, buscou-se refletir sobre as práticas pedagógicas observadas na turma. A observação, o cuidado, e interação com as crianças ajudaram na compreensão de que essa etapa exige um olhar atento às crianças e as oportunidades de aprendizagem presentes nas situações vivenciadas na creche.

Como resultado, foi possível reconhecer que toda ação junto às crianças pode ter uma intencionalidade, ainda que, por vezes, não seja planejada formalmente, reafirmando a creche como um espaço potente de aprendizagens.

A experiência do estágio foi realizada em uma turma do Grupo I composta por 19 crianças com idades entre 1 e 2 anos. As participantes envolvidas na experiência foram: três Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADIs) e eu, que atuava como estagiária da turma. O período das observações e intervenções abrangeu de maio a agosto de 2024, ocorrendo de segunda a sexta-feira, no turno da tarde. Os procedimentos que envolveram a experiência incluíram observação da turma, intervenções durante a rotina das crianças a partir das reflexões teóricas vivenciadas nos componentes curriculares vistos no curso até o momento do estágio, especialmente quanto à: rotina, brincadeira, cuidar e educar.

A educação infantil é uma etapa de grande importância no desenvolvimento integral das crianças. Apesar dos avanços relacionados ao reconhecimento do papel e da importância dessa etapa, para muita gente ainda às instituições de Educação Infantil são apenas lugares destinados ao cuidado, como dar banho, alimentar e colocar para dormir (momentos esses valiosos para a aprendizagem das crianças na EI). No entanto, o cuidar na educação infantil vai além disso, ele inclui a criação de uma rotina que considere as



necessidades das crianças, as brincadeiras, o respeito ao tempo de cada uma e a oferta de boas experiências. Segundo Daniela Guimarães (2011, p. 48 apud Monção, 2017, p. 163):

À medida que tiramos o cuidado de uma dimensão instrumental, de disciplinarização e controle sobre os corpos (na creche, isso significa, por exemplo, dar banho, alimentar, como exigências técnicas e rotineiras somente), para colocá-lo na esfera da existencialidade, ele contribui na concepção de educação como encontro da criança com o adulto, num sentido de diálogo, abertura e experiência compartilhada.

Sendo assim, podemos dizer que “para educar a criança na creche, é necessário integrar não apenas a educação ao cuidado, mas também a educação, o cuidado e a brincadeira” (Kishimoto, 2010, p. 2). O educar na educação infantil está presente em tudo, tendo em vista que quando as crianças brincam, elas aprendem, e no cotidiano, momentos como o banho e a hora da refeição também se transformam em oportunidades importantes para que elas se desenvolvam.

De acordo com o artigo 4º das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), a criança é compreendida como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009, p. 2).

Refletir sobre a concepção de criança é relembrar uma categoria já mencionada anteriormente mas que agora iremos aprofundar um pouco mais nas discussões, a rotina. A maneira como ela é planejada reflete a concepção que o professor e a instituição têm sobre as crianças e suas necessidades. Sobre as rotinas na EI, Catarsi (2020):

As chamadas rotinas, portanto, não devem ser subestimadas, mas pelo contrário devem ser valorizadas por diversas razões e em toda a sua importância, em primeiro lugar porque permitem que a criança ritualize sua experiência e, portanto, promove a definição de sua própria identidade no tempo e no espaço (p. 178).

Dessa forma, podemos entender que a rotina não se trata apenas de uma sequência de atividades, mas de um espaço estruturado para proporcionar vivências significativas que envolvem o cuidar, o brincar e o educar de maneira indissociável. Portanto, se bem planejada, permite que as crianças se sintam seguras, pois sabem o que esperar, e ao mesmo tempo, oferece uma variedade de experiências.



Entre essas experiências, podemos destacar o brincar, que, juntamente com as interações, devem ser os eixos norteadores das práticas pedagógicas, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). Como destaca Kishimoto (2010), a criança não nasce sabendo brincar; ela aprende essa habilidade através das interações com adultos, outras crianças, e do contato com objetos e brinquedos.

Desse modo, reconhecer que as crianças são seres de direitos é também oportunizar situações para que elas brinquem, pois é através desse processo que as crianças não apenas exploram e compreendem o mundo ao seu redor e o outro, mas também descobrem a si mesmas, suas habilidades, sentimentos e emoções.

Portanto, as reflexões apresentadas até aqui destacam a importância de considerar o brincar, o cuidar e o educar como aspectos indissociáveis no processo educativo. Além disso, o planejamento da rotina com a criança como o centro desse processo são meios essenciais para garantir uma Educação Infantil de qualidade, que respeite seus direitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Madalena Freire (1996, p. 3), “O instrumento da observação apura o olhar (e todos os sentidos) tanto do educador quanto do educando para a leitura diagnóstica de faltas e necessidades da realidade pedagógica”. Nesse sentido, a experiência de estágio foi fundamental para aprofundar meu entendimento sobre a prática pedagógica na Educação Infantil. A interação direta e contínua com as crianças, juntamente com a observação diária das práticas da professora e da rotina da turma, proporcionou um aprendizado significativo e a reflexão de que a observação integrada à prática diária é um aspecto importante tanto para nossa formação quanto para nossa prática como futuros professores.

Um momento marcante logo nos primeiros dias foi a fala de uma Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI): "por eles serem ainda muito pequenos, não dá pra fazer nada com eles". No entanto, essa percepção contrasta diretamente com as diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a importância de práticas pedagógicas intencionais e planejadas para o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância. A BNCC destaca que a Educação Infantil deve promover experiências que estimulem o brincar, a interação, e o desenvolvimento



das competências socioemocionais, cognitivas e motoras, independente da idade das crianças.

Dando sequência às exemplificações das práticas vivenciadas, destaco aqui a rotina da turma e como o brincar, o cuidar e educar vem sendo desenvolvido dentro do dia a dia dessas crianças na creche. Durante a tarde, o grupo segue a seguinte rotina: acordam, fazem o lanche da tarde, retornam para a sala e assistem a algo (na maioria dos dias) ou brincam com os brinquedos disponibilizados. Em seguida, vão para o jantar, tomam banho e aguardam a chegada dos responsáveis para ir para casa. Não podemos dizer que as crianças dessa turma não tem uma rotina, mas podemos dizer que é uma rotina limitada e que não contempla os direitos de aprendizagem e desenvolvimento que as crianças devem ter acesso na EI. Nas palavras de Monção (2017, p. 164):

Na medida em que não se prioriza o tempo das crianças por suas aprendizagens, o tempo institucional é o que determina as ações, prevalecendo a perspectiva tradicional de organização do cotidiano da criança, com traços marcantes de homogeneidade e ritualização.

Uma consideração a se fazer é como o brincar fica distante, sendo reservado apenas 10 minutos no parque (quando eles vão). Na maioria das vezes, a TV é escolhida por ser considerada uma opção que demanda “menos trabalho”. Além disso, durante a brincadeira, segundo uma das profissionais da turma, o uso dos brinquedos pode levar a mais confronto entre as crianças. De fato, essas situações acontecem, possivelmente por fatores como a quantidade limitada de brinquedos, a ausência de mediação dos adultos, ou o fato de que, por nem sempre terem acesso a esses materiais, as crianças demonstram maior disputa quando podem utilizá-los. No entanto, esses momentos também podem ser aproveitadas para os adultos da sala fazerem uma mediação durante a brincadeira, como por exemplo: “intervir para que a criança aprenda a partilhar a brincadeira com o amiguinho e a controlar sentimentos de raiva quando não consegue o brinquedo” (Kishimoto, 2010, p. 9-10). Portanto, a mediação durante as brincadeiras é essencial para que as crianças aprendam e lidem com conflitos enquanto brincam.

Além das observações realizadas, também reflito aqui sobre as intervenções que desenvolvi no dia a dia com a turma. E confesso que para a escrita deste trabalho por muitas vezes pensei “será que tenho intervenções na turma?” ou ainda “O meu trabalho na creche não está mais relacionado ao cuidado?” Essa dúvida surgiu porque, no período em questão, eu atuava como estagiária não obrigatória (remunerada) na



Admito que, em algumas ocasiões, me vi realizando um trabalho mecânico, como ao colocar a fralda nas crianças após o banho. A correria e o número reduzido de profissionais em relação à quantidade de crianças fazem com que, em alguns momentos, atuemos no automático. Porém, a partir das reflexões que tive durante o curso, procurei adicionar momentos de conexão e de respeito às crianças, como olhar nos olhos, conversar, e anunciar para as crianças o que eu estava fazendo. E cheguei a conclusão de que sim, meu trabalho com as crianças é pedagógico. Seja na hora do banho, da alimentação, ao mediar situações de conflitos durante as brincadeiras, ao criar momentos de musicalização, ao brincar de corrida com eles, ou ao participar do faz de conta, experimentando as "comidinhas" que eles preparam e até pedindo sobremesa, tudo isso me fez refletir. E percebi que, são ações nas quais o cuidar, o brincar e o educar estão integrados. Essas intervenções, têm uma intencionalidade e envolvem a sensibilidade e o exercício do olhar atento que é necessário para trabalhar com as crianças na Educação Infantil.

Na maioria das creches, o estagiário de pedagogia ainda é visto como mão de obra, e não como alguém que, junto com as professoras e auxiliares, pode contribuir nas atividades realizadas com as crianças. Pimenta e Lima (2006), nos atentam para a reflexão do papel do estagiário e sobre a importância de entender o estágio como um espaço formativo e de construção de conhecimento. Nesse sentido, mesmo diante das limitações do estágio não obrigatório, em que muitas vezes não há abertura para o planejamento e a aplicação de atividades próprias, é importante reconhecer que pequenas ações cotidianas, voltadas ao cuidado e à interação com as crianças, também configuram intervenções significativas e contribuem para a formação docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Enxergar as crianças como protagonistas do seu percurso é fornecer meios e oportunidades para que criem suas próprias experiências, lembrando que os adultos estão ali para guiá-las nesse caminho. Isso inclui pensar nos espaços, nos materiais, no tempo das crianças, no modo como meninas e meninos aprendem e no contexto em que a escola está inserida (Palacios; Paniagua, 2007).

Dessa forma, a experiência de estágio na turma do Grupo I me aproximou das situações enfrentadas no cotidiano de uma instituição de educação infantil. Ao longo dos dias, experimentei de perto tanto os anseios quanto as alegrias de estar em sala de aula, e o contato diário com as crianças foi bastante enriquecedor. Essa vivência serviu como ponto de partida para o desenvolvimento de habilidades que me ajudaram a compreender e problematizar as situações observadas na sala.

Nesse sentido, a experiência possibilitou reconhecer que ser professor(a) de Educação Infantil é planejar para e com as crianças, considerando o cuidado e a brincadeira como partes indissociáveis do processo educativo, além de compreender a rotina como uma categoria pedagógica. Nessa etapa, o professor precisa estar atento às experiências vividas diariamente pelas crianças, utilizando-as como ponto de partida para novas aprendizagens.

Portanto, o estágio não obrigatório, mesmo com suas limitações, foi uma experiência importante, pois me permitiu compreender de modo mais sensível o cotidiano da creche e o papel do professor na Educação Infantil. Ao observar e participar das práticas pedagógicas, percebi que o estágio não se resume à execução de tarefas, mas constitui um espaço de reflexão e construção de saberes. Entendo, assim, que cada momento de observação, cuidado e diálogo com as crianças contribuiu para fortalecer minha formação docente e minhas reflexões sobre a atuação na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/8-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em:



http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_5_09.pdf . Acesso em: 27 out. 2025.

CATARSI, Enzo. Ritualidade e desenvolvimento: o sono na creche. **EnLacEs no debate sobre infância e educação infantil** [recurso eletrônico] / Catarina Moro, Etienne Baldez, organizadoras. – Dados eletrônicos. – [Curitiba] : NEPIE/UFPR, 2020. Disponível em:
<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/83399/EnLacES%20no%20debate%20sobre%20Infancia%20e%20Educacao%20Infantil.pdf?sequence=1> . Acesso em: 28 out. 2025.

FREIRE, Madalena . **Observação, registro e reflexão.** Instrumentos Metodológicos I. 2ª ED. São Paulo : Espaço Pedagógico, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil:** Importância do brincar para crianças de 0 a 5 anos e 11 meses. Belo Horizonte, 2010. Disponível em:
https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6672-brinquedosebrincadeiras&Itemid=30192 . Acesso em:28 out. 2025.

MONÇÃO, Maria Aparecida Guedes. Cenas do cotidiano na educação infantil: desafios da integração entre cuidado e educação. **Educação e Pesquisa**, v. 43, n. 1, p. 162-176, 2017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ep/a/cZL7VJDCJQQnL8rHP6Z3kBF/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 28 out. 2025.

PANIAGUA, Gema e PALACIOS, Jesús. Organização das atividades da sala de aula. In: PANIAGUA, Gema e PALACIOS, Jesús. **Educação Infantil:** resposta educativa à diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções, **Revista Poíesis-Volume 3**, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006

